

RESENHA DO LIVRO: O QUE É CRÍTICA LITERÁRIA

Wibsson Ribeiro Lopes
Mestre em História
Universidade Federal de Alagoas
(Wibsson@gmail.com)

Embora os espaços para a crítica literária estejam cada vez mais escassos nos suplementos literários, nos jornais diários de grande circulação e na mídia em geral e a academia muitas vezes sinta dificuldade em extrapolar o círculo de alcance dos periódicos, congressos, teses e dissertações, formas de crítica mais amadoras e descompromissadas crescem na *Internet*, não só escritas em plataformas e redes sociais, mas também através de vídeos, aplicativos, fotos e outros formatos. Esta crítica ou debate feito de maneira mais simples e modesta, por leitores dispostos a debater e trocar impressões sobre o que leram com outros internautas, pode ser muito enriquecida por discussões teóricas e históricas sobre o fazer literário. É aí que o livro recente de Fábio Akcelrud Durão, pesquisador e professor da Unicamp, pode servir como uma boa e provocativa ferramenta de guia.

O livro não se propõe a ser um manual, um guia passo a passo ou qualquer tipo de conjunto de regras e normas. Ao invés disso, os capítulos fazem um passeio pela história da crítica literária, aos poucos exibindo as diversas concepções que existiram sobre o ofício, sobre a leitura, sobre o trabalho envolvendo a literatura. Com isso, o plano da obra é percorrer uma longa trajetória histórica e temática e apresentar a crítica literária como um campo onde se cruzam diversas forças que se entrelaçam ou se chocam, oferecendo diversos caminhos e alternativas, mas também se apresentando como uma área em crise.

Na apresentação da obra, Fábio Durão caracteriza a crítica como uma atividade que é, necessariamente, ligada ao humano e racional, atividade que necessita da esfera pública para se constituir, diferente da interpretação concernente ao âmbito privado da leitura. A crítica precisa, ela mesma, estar aberta ao confronto público, entendendo também que o crítico ocupa uma função social, por mais indireta que ela possa parecer em tempos de capitalismo tardio e de indústria cultural.

É digna de importância também a questão do valor. Em uma atenção à questão da ideologia e das possíveis formas dominantes de valoração, as mais imperceptíveis, o autor afirma, ainda na introdução do texto, que é inevitável estabelecer regras sobre o que se julga bom ou ruim, adequado ou incorreto. Não estamos à mercê destes valores dominantes quando explicitamos nossos métodos e critérios avaliativos.

Introduzindo as diferenças entre uma crítica normativa, baseada em regras pré-estabelecidas antes da obra, e a crítica imanente, que propõe um mergulho no texto analisado e uma leitura detida e atenciosa aos problemas que a própria obra em análise propõe, Durão analisa os problemas e limites da primeira e as vantagens da segunda, defendendo a prática da leitura cerrada como fundamental para a crítica que, se bem fundamentada, cumpre um papel necessário para a sobrevivência da obra literária, à medida que mantém suas questões em tensão e debate.

No segundo capítulo, "Quatro estudos de caso", Durão irá percorrer quatro momentos históricos em que se colocará a questão do sentido, a relação da Literatura com o tempo histórico e a sociedade, o conflito de temporalidades complexas dentro das obras literárias, as obras erigindo-se como enigmas para decifração de pesquisadores que se colocam sobre elas como desafiantes.

Sobre a Grécia, será percorrido o caminho a partir da constituição do discurso de Verdade na sociedade antiga, o caráter performativo da fala, presente em figuras míticas e emblemáticas como a da Oráculo, e que resvala também para formas de criação artística, como a poesia épica, assentada na memória e em técnicas sofisticadas de rememoração. Tal performatividade instituíra um teor ambíguo nas falas e discursos. Com o passar do tempo, ocorre a dessacralização da fala; a ideia de um centro, como o chefe militar que discursa para um círculo de soldados subalternos em uma fala que se propõe igualitária, instrutiva, mais comunicativa do que um convite à interpretação, pode ser um exemplo deste processo maior de secularização da linguagem. A partir daí abre-se o caminho para posições como a de Platão, em seu ataque à poesia, ou a defesa da poesia Homérica e seu caráter performativo feita por Heráclito. Importante percebermos que essa racionalização nunca será completa, e através desta já mencionada temporalidade complexa haverá mudanças a cada período. Destaca-se aqui a

emergência do procedimento da alegoria, das três fontes de interpretação alegórica, as regras para que tal leitura se mostre convincente.

Depois do diálogo com a obra de Heráclito, o texto segue apresentando de forma introdutória a hermenêutica bíblica. A Bíblia, considerada pelo autor não só um livro, mas uma verdadeira biblioteca, contendo nela própria uma história dos meios de recepção de leitura ao longo dos séculos, bem como de suas fontes, será discutida a partir do caráter das escolhas dos livros e os diversos problemas intertextuais que devem ser resolvidos a partir de uma coesão que é efetivada a *posteriori*. As escrituras sagradas mostram-se uma ferramenta privilegiada para introduzir questões como a interpretação, que dota uma obra de unidade e coerência e o teor desse movimento interpretativo, que é interno ao texto bíblico. Analisando um trecho de um dos livros presentes na Bíblia, chega-se à apresentação do sistema de hermenêutica medieval em quatro níveis, um dos mais complexos desenvolvidos ao longo da história. Os quatro níveis são: literal, alegórico, moral e anagógico. A importância desse resgate do tema medieval é a de que, com isso, ressalta-se que o sistema de quatro níveis não era rígido e monolítico. Tal método legou para a crítica futura, nas palavras do autor, "algo que viria a ser central para a crítica literária posterior: o fato de que as palavras são o que são e, **ao mesmo tempo**, sem deixar de sê-lo, são outras" (DURÃO, 2016, p. 59).

Passando pelo século XVIII, será explorada a noção de igualdade, constituída no debate público e disseminando-se também para a esfera da literatura. É no século XVIII que forma-se uma chamada esfera pública, um aumento de um público leitor, a difusão de um maior material escrito por conta do surgimento da imprensa e de um mercado de cultura que propiciava o surgimento da polêmica figura do leitor "médio" ou "comum", mas, também, através da difusão dos periódicos, da figura do crítico-especialista. Nessa esfera pública se espelharão, em maior ou menos grau de evidência para os contendores nas polêmicas, conflitos oriundos da luta de classes. Este é um dos fatores que ajuda a explicar os limites do alcance dessas polêmicas, já que os povos colonizados, as mulheres, os escravos e povos minoritários estavam excluídos sumariamente das polêmicas intelectuais. Nas últimas décadas, lembra Durão, essa ideia de inclusão iluminista, inclusão baseada em regras pré-estabelecidas, tem sido muito criticada.

Outro conceito importante para o século XVIII, cada vez mais ausente ou criticado nos debates atuais, é a noção de gosto, aliada à discussão sobre a Estética. Este subcapítulo se encerra ainda com uma rápida passagem sobre a querela entre os antigos e modernos, as disputas envolvendo uma arte calcada na imitação ou na originalidade, a ideia da arte como parte da natureza, a ideia de uma literatura popular, os conflitos entre literatura e ciência, a defesa do literalismo e do pedagogismo, os conflitos entre razão e emoção e a necessidade de periodizações históricas.

Na parte final do capítulo, a discussão passa ao século XIX, a ideia de obra e os debates que antecedem o Modernismo. Novos conceitos entram em cena com a Revolução Francesa: a ideia de povo, a história e o historicismo, a expressão do autor, que passa a ser visto como um gênio, a concepção de natureza que dá lugar a uma ideia de imaginação que funciona como um elo de mediação entre o indivíduo e a objetividade. Emerge também o amor romântico, o bucolismo, a autorreflexividade, a literatura de mistério, a maior autonomia adquirida pelos textos e a emergência da ironia e do romance como a forma privilegiada da construção literária ficcional. O romantismo lega a ideia de uma obra autoconsciente, a valorização da ideia do "fragmento", que projeta a ideia de uma totalidade aberta. O paradoxo, dito de maneira resumida, é que a literatura se complexifica, se autonomiza e se aprofunda enquanto atividade humana, mas ao preço de um maior isolamento social, de uma menor presença na esfera pública, de maior irrelevância coletiva.

O capítulo 4 discute a tecnologização da crítica, lida aqui como o processo de leitura das obras através de arcabouços teóricos diversos e originados fora das obras literárias, a operação de conceitos "encaixados", muitas vezes de forma mecânica e apressada, na análise das obras. O crítico torna-se, com isso, também responsável pelo diálogo com outras áreas fora dos estudos literários, como a História, a Filosofia, a Sociologia e a Psicanálise, tendo de lidar com problemas específicos de cada uma destas áreas no seu contato com o exercício da crítica. Mas a tecnologização pode se mostrar também através das escolas críticas, como o formalismo russo, o pós-estruturalismo, a desconstrução, os estudos culturais, os *Black Studies*, a crítica feminista, a crítica pós-colonial e a crítica *queer*. Tais escolas constituem uma divisão, formando a chamada Teoria literária, um campo

próprio que a distancia da literatura mas ainda não a constitui propriamente como filosofia. A proposta de Fábio Durão é que o crítico deve praticar o difícil exercício de esquecer aquilo que sabe e imergir na obra que procura analisar, saindo dela procurando, ao mesmo tempo, lembrar da teoria que o texto parece demandar do leitor mais atento. Apresenta-se então uma postura para o exercício da crítica:

Em vez de simplesmente lamentar tal estado de coisas, é mais interessante perceber como o impasse decorrente da oposição entre teoria e crítica literária deixa entrever o que seria o ideal de uma crítica verdadeiramente forte: submergir nas obras e tentar fazer com que falem a partir de si, sem contudo desconhecer as teorias que podem fazer com que tal fala seja pungente. Se a primazia é dada à obra, a teoria surgirá de sua própria demanda (DURÃO, 2016, p. 106).

Como prometido, "O que é crítica literária" encerra-se com um conjunto de questões e ideias para a crítica, mas ao mesmo tempo apresentando o campo literário como um campo em crise, permeado por diversos impasses, dentre eles o impasse concernente à emergência de grandes obras: nunca antes tivemos tanto aparato conceitual e potencial analítico para detectar a presença de uma grande obra, mas ao mesmo tempo diversos fatores dificultam imensamente seu surgimento. É neste cenário estilhaçado e desafiador que o livro encerra seu percurso, deixando nas mãos do leitor e crítico a responsabilidade e convite para abordar os diversos problemas apresentados.

Dados da obra resenhada: DURÃO, F. A. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin Editorial, Parábola editorial, 2016.

Recebido em 31 de março de 2017
Aprovado em 23 de agosto de 2017